

QUEM VAI, QUEM FICA

Lara Brenda Lemos de Almeida
(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO)

E o vento empurra para dentro a cortina fina sublinhada pela luz amarela. Nessa época do ano, o bafo quente já se sente antes mesmo de se acordar. As árvores chacoalham e quem as ouve, ouve o mar, ouve uma chuva inacreditável. Pouco existe ao redor do prédio. Alguns cachorros latem inconformados. Alguns pedaços de madeira se batem contra alguma parede, talvez portas ou janelas. Ainda o som de um imenso rolo de papel alumínio que se estica sobre o terraço. A cidade está longe. Como se o edifício fosse o único de pé.

A quentura te busca dentro do teu sono e te traz de volta. Suado e desnortado. Primeiro acorda a pele grudada, as mãos ensopadas. Abre os olhos e avista o lençol arremessado no chão de azulejo. Vira para o outro lado e sente o vento que é quente, mas reconfortante. Ensaia os primeiros movimentos para sair da cama. O chão provavelmente está mais frio que a cama.

Anda em direção ao banheiro. Seu apartamento não é comprido, mas ao se aproximar do outro cômodo percebe um cheiro que antes não estava ali. É um cheiro muito específico e indecifrável. Talvez um que sente pela primeira vez na vida ou um cheiro que acaba de existir e ainda não lhe deram nome. Sabe que é horrível, difícil de aturar. Mas ainda assim é curioso e segue pelo corredor na busca de entender a origem da podridão. Lá dentro do banheiro, o odor é ainda mais intenso. Acende a luz e vê tudo exatamente igual, mas o ar mais denso. Não há muito onde olhar, um banheiro pequeno. Talvez seja o encantamento. O prédio é velho, cheio de história, infestação de baratas. Faz sentido ser o encanamento.

Senta no vaso e acende um cigarro. O cheiro é horroroso, mas não há o que fazer. Ligar para o locador? Não. Aquele velho vai arrumar um jeito de desviar

da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

o assunto, tentar te cobrar de novo o aluguel. Mais uma vez vai ter que explicar que só a partir do meio do mês que vem vai receber o dinheiro do último serviço. Aquela voz que mais parece um latido de cachorro, grosseiro, ia responder “Eu entendo a sua situação, me solidarizo, mas você precisa entender a minha! Não é justo cair no meu colo a consequência das suas escolhas”.

Seu José Carlos, apesar da bronca, sempre acaba cedendo alguns dias a mais, com algum acréscimo. Ele não quer pôr ninguém na rua. Até porque não ia ser fácil achar outro inquilino que queira ficar aqui no meio do nada, aguentando esse cheiro de podre. E não é ele que vai resolver. Isso é fato. Não vai sair lá do conforto da casa dele sem antes tentar empurrar a tarefa para um monte de gente que não tem nada a ver com o assunto.

Ao fechar o vaso, não sentiu que o cheiro diminuiu. Realmente a teoria não se sustenta. Como que o cheiro de esgoto ia subir até o terceiro andar? É só pensar um pouco. Sai e vai até a cozinha. Mesma coisa: um cheiro que toma conta do espaço, como se estivesse bem na sua fuça o motivo dele, mas não consegue ver. Coça a cabeça. Olha ao redor. Vai até a porta que dá para o corredor e coloca o ouvido contra ela. Silêncio absoluto do outro lado. Não tem muitos vizinhos. Nesse andar só o casal que vive num silêncio intrigante. Não briga, não grita, não come. Não se ouve nem barulho de prato. É muito estranho.

Acima mora uma senhora. Ela não é de deixar o prédio, mas fica circulando pelas áreas comuns, caçando companhia, alguma fofoca, alguém pra alugar os ouvidos. Ela é bem sozinha e por isso a carência, imagina. Quando viu que se mudou para lá, foi até seu apartamento com um enfeite de crochê para porta, com o número 31 estampado. Buscou se mostrar grato pelo presente, apesar de não ter achado que combinava muito com sua essência um enfeite de crochê logo na porta. Não queria pendurar mas achou que seria uma desfeita muito grande. Assim o fez e a senhora entendeu como um aceite do convite de

da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

amizade. Passou a bater na sua porta dia sim, dia não, sempre com algum motivo “viu que o preço do gás aumentou?” “Quando for na rua pode me trazer um cacho de banana?” “Teria uns três palitos de fósforo?” “Vi no jornal que seu time venceu!” As visitas eram frequentes, cada vez mais. O motivo real era sempre o mesmo: ela queria alguém para escutá-la falar por horas. O que parecia uma visita rápida e objetiva, logo virava um monólogo comprido. Ela era esperta: começava com um assunto que achava que interessava seu vizinho, para então, aos poucos ir chegando nos assuntos dela.

Um dia perguntou da família e ela contou a história que parecia já ter sido repetida muitas vezes ao longo da vida da pobre velha. Seu filho morreu atropelado com 15 anos, indo para a escola de bicicleta. Depois o marido. Era um dentista com um consultório um pouco popular, até que recebeu um golpe muito grande e complicado de entender. Nessa parte da história o vizinho já tinha mutado a idosa no seu pensamento. Não de propósito. Mas histórias muito longas sempre fazem isso com ele. Ela nem percebe. Ele volta depois de alguns minutos. Ela conta que o marido, depois do golpe, se endividou, perdeu o negócio, ficou anos sem trabalhar, deprimido. Deixou a mulher viúva aos 57 anos. Isso fez o vizinho se sentir um pouco culpado pelas vezes que fingiu não estar em casa para não ser perturbado e deixava a senhora batendo na porta até cansar.

Abre a porta ainda na busca do cheiro. Vai até a porta do casal do apartamento 32, enfia o nariz na fresta e cheira. Nada... nem cheiro, nem som. Resolve subir para o andar da senhora, já que no seu não tem mais nenhum morador. Cada degrau da escada materializa mais o cheiro indecifrável. Fica mais quente, mais pesado, agudo. Apesar de ser insuportável continuar respirando aquele ar, segue as escadas, que seguem o odor. Chega ao andar e já vira para o canto direito, onde fica o apartamento da senhora. O cheiro com certeza vem dali. Como ninguém sentiu? Como ninguém foi acordado como ele? Receoso, bate na porta. Ninguém. Nenhum barulho. Bate outra vez, sem resposta. Tenta abrir a porta, não está trancada. Só com o entreaberto vem o

da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

cheiro e seu nariz como um alvo se contorce com o choque. Os olhos também sentem e depois curiosos se espalham pelo espaço, que está escuro. Tateia a parede e aperta o interruptor.

A luz revela o destino da velha. Já roxa, dura, no chão, luva de forno numa mão e ao lado uma forma de bolo coberta de formigas e baratas. A boca rígida, uma expressão estranha, olhos fechados. Encara a mulher, aterrorizado. Levanta a vista. Nada ao redor explica a cena. Uma bagunça inacreditável. Caixas sobre caixas, todas cheias de trapos que parecem fantasias de carnaval velhas. Pilhas de livros didáticos, matemática, geografia, português. Mais de 100 livros no chão. Alguns sacos enormes de comida para cachorro. Ela não tinha cachorro. Algumas paredes cobertas por imensos rolos de tecido, daqueles que vendem no Saara.

Estica o pescoço sobre a velha para enxergar a cozinha. Um varal de corda se estende da porta à janela do outro lado, abarrotado de roupas. Uma quantidade surreal. Roupas de menino. Roupas de velho. Roupas de velha. Um excesso de panelas, pratos para todos os lados. A maior parte dos objetos são difíceis de identificar, todos amontoados, pilhas enormes que formam blocos enormes. Uma poluição de cores e texturas. Papéis, sacolas plásticas daquelas grandes, cheias até a boca.

A sala da mesma forma. Um dos cantos guarda três refrigeradores. Pilhas de cartas, documentos, cartões de crédito. Duas poltronas velhas e manchadas viradas para uma televisão daquelas de tubo. Uma mesa redonda no centro da sala e sobre ela produtos de limpeza e alimentos variados amontoados como lixo. Um aspirador de pó no outro canto que certamente nunca foi usado. Quase metade da sala ocupada por material odontológico, duas daquelas cadeiras de dentista com a luminária acima e a mesa de equipamentos ao lado. Caixas e mais caixas. Livros. Uma espécie de máquina que parece um microondas, um pouco maior, com bandejas de alumínio dentro. Várias caixas de luva e máscaras. No cantinho do lado da cozinha, um móvel antigo, mas

da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

perfeitamente limpo e organizado. Enfeitado com tapetinhos de crochê delicados, anjinhos de porcelana, enfeites de vidro e um retratinho: a senhora, um menino novo e o marido, sério. No fundo da foto, a sala, já tomada pelas tralhas.